THOMAZ RIBEIRO

A INDIANA
E
POESIAS

RELATIVAS Á INDIA, EXTRAIDAS
DO LIVRO «VESPERAS»

(Edição Oficial)

Nova Goa — Imprensa Nacional — 1932

O Govêrno Geral do Estado da Índia desejando colaborar, em cumprimento dum dever cívico, nas patrióticas e merecidas manifestações em homenagem ao insigne poeta, ilustre escritor e eminente homem de Estado que foi Tomaz Ribeiro, a propósito do primeiro centenário do seu nascimento, mandou editar esta obra relativa à nossa Índia, da qual se tiraram sòmente 265 exemplares, devidamente numerados, sendo 15 em papel especial para serem distribuidos pelas entidades competentes e 250, que, para maior vulgarização, serão postos à venda apenas pelo seu preço de custo.

1 de Julho de 1931.

N.º 157

Direcção dos Serviços de Administração Civil, em Nova Goa, 1 de Julho de 1931.

O Director,

A Indiana

PERSONAGENS

Cassi — viuva de vinte annos.

Ramá — pae de Cassi — brahmine.

Raul — capitão de navio — vinte e cinco annos.

Sundorem — noiva, irmã de Cassi — seis annos.

Noivo, da mesma edade, — Um dessae, — Um nababo, — Primeira e segunda mulher, — Bailadeiras, — Convidados, &c.

A INDIANA

ENTRE-ACTO EM VERSO

A scena passa-se no Industão e na actualidade. O palco mostra o claustro d'uma casa indú, opulenta; ha columnatas em volta; no meio um jardim com plantas dos tropicos e estatuetas representando divindades gentilicas; no centro do jardim o — tolossi — a arvore sagrada. Ao fundo, por tres portas rasgadas e terminando em arco, vê-se um palmeiral intermeado de bananeiras cercado por um muro em que ha uma pequena porta serrada. O ceo está recamado d'estrellas. Por cima do muro vê-se ao longe o mar. Para fóra do claustro, á esquerda, ha a continuação da casa e nas janellas e no arvoredo externo e fóra das cortinas das portas do claustro, ao fundo, ha illuminação em globos de côres. É festa de noivado. No claustro, á direita, ao fundo, ha uma janella; e mais proximo da plateia uma porta para os aposentos de Cassi; á esquerda uma porta que dá para o interior da casa. Mais perto do expectador, á esquerda, coxins sumptuosos onde Ramá apparece recostado; por cima o *panká* que uma negra nubiana de cabello amarello agita, em quanto Ramá se conserva fumando.

Ao levantar do panno, Cassi, vestida toda de branco, (lucto), sem rosa na testa nem joias, e com o cabello escondido, está encostada a uma das portas do fundo com as costas voltadas para a multidão e olhando o mar; Ramá fuma, quasi adormecido, o seu longo cachimbo de Surrate em quanto a negra lhe agita o *panká;* perto, assentadas no chão, as bailadeiras cantam em musica languida e preguiçosa. Os noivos e convidados passeiam ou fumam conversando ou scismando, ora no claustro ora no palmar.

SCENA I

TODOS

CÔRO DAS BAILADEIRAS

Dão banhos aromaticos
as fontes de Benares,
e os rumuros palmares
e os altos arecaes,
vendo nas agoas tepidas
os membros nus, tão bellos,
tremem d'amor, têm zelos
dos limpidos cristaes.

Amor é como o raio,
fere, apagou-se;
depois fica o desmaio
que é doce, doce!

Oh! quem podera amar como a serpente,
que tem abraços mil!
Sonha em banho d'aromas doce e quente
e não sintas amor, corpo gentil!

CASSI

(*Á parte e descendo lentamente o proscenio*).

Morre, viuva, é tua sina, morre!
ouve estes cantos e sè pura! Oh! Deus!...
és amante? és amada? o sangue corre
febril de veia em veia?... Ai! quem soccorre,
quem rouba ao fogo a condemnada aos ceos?!

(*Fica estranha a tudo*).

UM NABABO

A noite é de regias festas,
que tudo esplende e seduz,
jardins, salões e florestas.

UM DESSAE

Nupcias de tanta grandeza
dão honra á India, e á nobreza
dos opulentos indús.

NABABO

Mas este recinto é escuro!

DESSAE

Não sabes que vive aqui,
ha seis annos, desditosa!
a mallograda Cassi?

NABABO

Tu conheceste-a?

DESSAE

Pois não?

NABABO

Era a mulher mais formosa
de toda a India, tão vasta,
desde Surrate a Madrasta,
desde o Hymalaia a Ceilão!
e ainda vive?

DESSAE

Olha! ali está.

NABABO

É que o lucto a não devasta!
seis annos!... é muito já!

(Saem para o palmar).

PRIMEIRA MULHER

E sempre bella como foi.

SEGUNDA MULHER

Que pena!

Eu nada vi! o mundo é que envenena
o que não sabe e pensa. Diz o mundo
que, alta noite, da praia surge um vulto,
e na hora em que o silencio é mais profundo
se embrenha na floresta, e assim occulto
dirige os passos mortos para aqui!...

PRIMEIRA MULHER

E o mundo assim... não digas mais! condemna
uma viuva e brahmine! — Cassi!? ..
Quem póde crêl-o?

SEGUNDA MULHER

Os maus!

PRIMEIRA MULHER

Ai, pobre d'ella!

SEGUNDA MULHER

Que faz mal em viver, e em ser tão bella!

CÔRO DAS BAILADEIRAS

Amam as ondas sofregas
os areaes sequiosos;
e os astros luminosos
do somnolento azul
espreitam da alta cupula
as pallidas nimfeias,
que os olham d'amor cheias,
no humillimo paúl.

O amor não vê distancias,
é immenso e é mudo;
ha luz? ardor? fragrancias?
mais nada!? e é tudo!

Co'a noite morna, languida e tremente,
descem desejos mil!
Sonha em banho d'aromas doce e quente
e não sintas amor, corpo gentil!

(Os grupos vão-se retirando para o interior da casa, pela esquerda).

SCENA II

CASSI, SUNDOREM E RAMÁ

SUNDOREM

Adeus Cassi.

CASSI

Sundorem!
como andas linda e brilhante,
minha noiva pequenina!
que é do teu noivo?

SUNDOREM

Anda além.

CASSI

Que te diz elle?

SUNDOREM

A mim? nada.
Anda lá sempre distante.

CASSI

E tu?

SUNDOREM

Eu, sempre calada!
nem inda o conheço bem!
Ando cançada, cançada.
A festa é da gente grande
e eu sou pequena!

CASSI

Coitada!

(*Ouve-se musica dentro, longe*).

Sundorem, chama-te a musica.
A festa vai quasi finda,
que já não tarda a manhã.

SUNDOREM

E tu sempre triste e só!
tu! que és tão boa e tão linda!

CASSI

(*Beijando-lhe as mãos*)

Bem hajas ! . . . Não tenhas dó,
minha pequenina irmã

(*Sundorem corre para o fundo ; sahida falsa*).

Como a tua sorte, ó flor,
já se parece co'a minha !
tu, és sombra de rainha,
eu, sou a sombra da dor !

Tu, finges de noiva, e eu sei
que amor a nupcia comporta ;
eu amo e finjo de morta !
e tudo em nome da lei !

SUNDOREM

(*Voltando do fundo*)

Mal sabes tu quem eu vi
quando passava o cortejo.

CASSI

Quem foi ?

SUNDOREM

Vê lá se adivinhas !

CASSI

Pois diz-me alguns signaes.

SUNDOREM

Uma vez deu-me elle um beijo . . .
e olhava bem para ti . . .
e tu para elle inda mais ! . . .

CASSI

Não sei !

SUNDOREM

Sabes, mentirosa !
E maritimo . . . e cristão . . .

CASSI

Não sei!

SUNDOREM

Faces côr de roza...
moço... valente... Inda não?
Chama-se... Não digo! e admiro
tão profunda ingratidão!
Um dia, junto ao paul,
eu ia ser devorada...
tu gritaste, ouviu-se um tiro
e uma panthera esfaimada
caiu raivando no chão!
quem foi que a matou?

CASSI

Raul!

SUNDOREM
(*Malliciosa*)

Não sei! Beijou-me e partiu.

depois nunca mais o vi,
só hontem; olhava e olhava,
sorriu-se quando me viu.

CASSI

E tu?

SUNDOREM

Eu tambem sorri.
Mal sabes quanto eu gostava...
(*Olhando em roda*).
não nos escute ninguém;
de o vêr n'este instante aqui.

CASSI

Elle... um christão, Sundorem!

SUNDOREM

Que cousa! = um christão! = podera!
o teu espanto tem graça!
um christão, que á voz afflicta
d'uma viuva... bonita,

mata uma enorme panthera
e salva uma pequenita !
Dize ao meu noivo que o faça !
Agora adeus, vou correndo,
tu vai dormir e sonhar.
(*Batendo-lhe no hombro e com malicia*).
Pequena sou, mas entendo
o teu constante scismar !

(*Sái correndo*).

SCENA III

CASSI, RAMÁ E A NEGRA

(*A negra sái mal que Ramá se levanta*)

CASSI

Festejada Cassi, do tempo que lá vai,
ninguem te viu nem disse : ó pobre solitaria,
vem presenciar a festa, atribulada pária !...
(*Vendo seu pae adormecido*).
Mas .. além dorme... Oh ! sim ! vamos a vêr meu pae!
(*Caminha para elle e acorda-o*).
Pae ! pae ! o orvalho recresce
já goteja o palmeiral ;

lá dentro a festa esmorece
e aqui o orvalho faz mal !

Bom pae, tu já não és forte,
bem vês, prostrou-te o calor,
e estás respirando morte
do calix de cada flor.

RAMÁ

(*Levantando-se toma um candieiro de prata, examina Cassi e diz pousando-o*) :
Cassi, vejo com tristeza
que não definhas, querida ;
não sabes que a tua vida
deve ser curta ? A belleza
que eu te via esmorecida
volta de novo, Cassi !
viuva ha seis annos ! pensa
na lei dos nossos maiores
porque has de á vida assim presa
ficar tanto tempo aqui ?

CASSI

(*Com um riso amargo e beijando-lhe as mãos*) :
É justo, pae ! tens razão !

Morrer! casam-se ao teu rogo
minhas esp'ranças formosas;
oh! descança, eu sinto a morte
que ha seis annos busco em vão;
se nos meus olhos ha fogo,
se nos meus labios ha rozas
e n'essas rozas perfume,
é da extrema febre o lume
acceso em meu coração.

RAMÁ

A noite d'além dormiste?

CASSI

Dormi.

RAMÁ

E acaso dormida
costumas fallar, sonhando?

CASSI

Nem sempre; de quando em quando...

RAMÁ

Pois fallaste, e commovida!

CASSI

Talvez... talvez, pae, e... ouviste?

RAMÁ

E até julguei, que loucura!
distinguir...

CASSI
(*Á parte*)

Oh! desventura!

RAMÁ

A voz d'um homem! tremi!

CASSI
(*Sorrindo*)

Pobre pae! tiveste medo?

era um *jogue*, um feiticeiro,
que adivinhava o segredo
do meu dia derradeiro.

RAMÁ

Que Deus t'o pague, Cassi!
e que te disse o agoureiro?

CASSI

Que hei de morrer como as aves
batendo as azas, cantando;
que hei de cahir como as flores
que morrem da brisa aos beijos,
e os seus aromas suaves
sobem voando, voando,
inda respirando amores,
inda accendendo desejos.

RAMÁ
(*Depois de a examinar por alguns momentos, silencioso*)

Do meu coração no espelho
só morta serás formosa.

Definha-te, desditosa!
pena, chora, o lucto arrasta!
Cassi, és brahmine e eu velho,
és viuva... e eu já cançado
quero morrer sempre honrado
e orgulho da minha casta.

(*Sái pela esquerda*).

SCENA IV

CASSI, *só*

(*Vai assentar-se triste nos coxins onde estivera seu pae*)

CÔRO DE BAILADEIRAS, *dentro*

Amor é como o raio,
fere, apagou-se,
depois fica o desmaio,
que é doce, doce!

CASSI

(Recitando como quem recorda)

— O amor não vê distancias,
é immenso e é mudo;
ha luz? ardor? fragrancias?
mais nada!? e é tudo!

Co'a noite morna, languida e tremente,
descem desejos mil!
Sonha em banho d'aromas doce e quente
e não sintas amor, corpo gentil!

(Fica meditando).

Tenho vinte annos só e ouvi estes cantares!
eu! condemnada á fome, ao pranto, á solidão,
ao desamor cruel, aos frigidos olhares
que inspira esta mortalha! oh! pae!... oh! coração!...

Disseram do meu Deus os sacrosantos labios:
«Na pira marital morrei, paixões fataes!»
Mas veio a lei da Europa, o monge, e os frios sabios
dizer d'espada em punho á minha lei: – «Não mais!

não algemeis á morte um'alma que se expande!
o Deus que lhe deu vida ha de marcar-lhe o fim!»
Hypocrita favor! Meu Deus, só tu és grande!
venceu a tua lei, que eu sinto o fogo em mim!
....

Morrer!. . e és tu, meu pae, que á morte me condemnas?!...
Flores, não vos vêr mais! não mais vêr este ceo!...
Palmar, ao menos tu sabes as minhas penas!
chora, que ninguem chora a pobre que morreu!...

Um dia em Calcutá, era eu bem nova ainda,
do Ganges n'uma selva um tigre me investiu;
e ao vêr-me tão mimosa e desbotada e linda
teve piedade, a fera! o olhar baixou, partiu.

Depois, quando em Dehli, a flor do sol indiano,
entrei, dizia a turba: «O' perla de Manar
onde vais tu?» — Com o sol buscar o grande occeano! —
«Vai, vai gloria d'Onor, rosa do Malabar!»

Tinham-me então amor homens e feras bravas,
hoje devo morrer!... Meu sonho encantador!...
É culpa minha, oh! Deus! que no paiz das lavas
o sol me queime o sangue e me dê febre e amor?!...

Amar ou morrer!... que abysmo
abre a insondavel garganta!
chego, e a minh'alma se espanta
do horror que lá dentro vai!
páro vacillante e scismo
ante o pavoroso enigma,
e entre a morte e o eterno stygma
todo o meu ser se retrai!

Amor!... encanto divino!...
Morte!... lei... dever... pureza!...
e entre a lei e a natureza
o inferno aberto, Senhor!...
Morro amando, é meu destino,
pois que é decreto da sorte
amar nas ancias da morte,
morrer nas chammas do amor.

(*Vai abrir a pequena porta do cerrado, desce todas as cortinas do fundo, toma o candieiro, vai agital-o á janella da direita e pousa-o sobre a mesma janella*).

Pequena luz, abre as trevas,
rasga as cerradas florestas,
facho das ultimas festas
dos meus amores fataes;

leva os meus ais onde levas
os doces clarões da esp'rança,
ultima luz de bonança,
da vida nos temporaes.

Chama o, que venha depressa
sorrir-me na ultima hora,
com seu rosto côr da aurora,
com seus labios de coral;
quero abraçar-lhe a cabeça
e beijal-o com ternura,
já que me deu tal ventura...
já que me fez tanto mal!

(*Sorrindo extasiada e com muito sentimento*).

Ai! como é bom amar!... e elle é formoso e candido!...
o seu cabello imita a flor dos vonvoleiros
que inda esfolhada e murcha o aroma não perdeu!
E é como as garças alvo, e meigo como um cantico
do terno muruoni, nos sons tão feiticeiros!...
Nos olhos d'elle ha tudo, ha mar, e terra, e ceos!...

Oh! quem nascera lá, na patria d'elle
onde se póde amar!
Quem podera voar!... voar!... voar!

SCENA V

CASSI E RAUL

(Raul apparece á porta do fundo e pára; Cassi, sem olhar, sente-o e estremece. Raul caminha lentamente e vai para lhe tomar a mão. Cassi retrae-se instantanea e violenta).

CASSI

(Apontando o Tolossi)

Vês aquella arvore? é Deus!
vês o meu traje? é de lucto!
lá dentro é feliz meu pae!
tu... és um covarde astuto
que vens deshonrar os meus!
Sae!!

(Raul, subjugado, vai a sahir e pára ao fundo. Cassi vendo-o sahir vai assentar-se, esconde a cabeça nas mãos e chora. Alguns instantes de silencio).

RAUL

Que mal te fiz? chamaste-me, querida,
vim, como o crente aos pés da divindade;
calcas-me, fico; apontas-me a saida
vou, como o escravo que não tem vontade.

Se choras, páro; se sorris, espero,
escuro enigma d'um capricho eterno!
para quem te ama como eu te amo e quero
não tens distancias entre o ceo e o inferno!

CASSI

(Fazendo-lhe um gesto para que se aproxime, e tomando-lhe a mão)

Dize-me: no teu paiz
ha tempestades?

RAUL

E quantas!

CASSI

E o raio fulmina as plantas?

RAUL

E lasca a rocha mais dura
e esmaga o roble mais forte.

CASSI

E o tufão torce-lhe as ramas
e arranca-o pela raiz?

RAUL

Sim.

CASSI

E amas-me?

RAUL

Que loucura!

CASSI

Comprehendes a minha sorte
e eu a tua desventura!

Como has de ser infeliz!...
D'onde és, Raul?

RAUL

De Florença.

CASSI

Fica longe?

RAUL

No occidente.

CASSI

Terras da palavra ardente
e dos frios corações!...

RAUL

Cassi, quando a vez primeira
d'aqui, d'onde estás me viste
á porta do teu cerrado,
eu, absorto e namorado,

tu, desanimada e triste;
e quando, ao vêr-me, fugiste
como rôla espavorida,
senti que estranhas paixões
se levantavam com vida
no teu duro, esquivo seio;
era a orchidia parasita
viva, splendente, bonita,
florindo n'um tronco alheio.

Passaram noites e dias
e eu sempre em torno aos teus lares,
mas sempre os ermos palmares
e a casa sem um clarão.
«Espera! ella ouve os teus passos,
e da escuridão cerrada
espreita e sente-se amada,»
me dizia o coração.
Emfim uma noite, alli,
(Aponta a janella).
o que eu disse e o que disseste
era um concerto celeste!
De tudo o que disse e ouvi
recordo apenas, querida,

que te dei a minha vida
e que me disseste: — espera! —
Deus, se ha Deus, ouviu da esphera
os teus protestos, Cassi!

CASSI

Não crês em Deus?

RAUL

Quem não crê?

CASSI

Os homens do mar são duros!

RAUL

Em ceos e mares escuros
luz sempre a estrella da fé.

CASSI

E o teu Deus é forte?... é rico...?

RAUL

É justo, immenso e clemente!

CASSI

E como se chama?

RAUL

Deus.

CASSI

E nas angustias, na dor
pedes...

RAUL

Nunca a Deus supplico;
se elle me vê faço injuria
ao seu infinito amor;
se me não vê, por distante,
de certo que não escuta

o clamor da minha luta,
por mais alto e mais plangente
que a minha voz se levante.

CASSI

Deus... só Deus!... grande e clemente!...
E elle ouvio da esphera immensa...

RAUL

Nossos protestos d'amor.

CASSI

E sabe que te chamei?

RAUL

Sabe, e que espero a sentença
de vida ou morte!

CASSI

Ó Senhor!
Deus! Deus clemente, não sei...

Eu sou viuva!... e a pureza
da minha casta... Raul!
não amas como eu! não amas!

RAUL

Por que has de crer na frieza
dos corações do occidente?
tu ardes em vivas chammas
e nunca ninguem te amou.
Tens, sim, o amor deprimente,
amor brutal, que degrada
e subjuga e tirannisa!
tens?... tiveste! hoje acabou
toda a esp'rança para ti!
Esconde á sofrega brisa
os teus cabellos, Cassi!
Confrange-te, alma sublime,
nas dobras d'essa mortalha!
consumme-se o negro crime
da morte forçada e lenta,
mas ninguem sinta a batalha,
nem veja a arena sangrenta.

(Ouve-se dentro musica e Cassi faz gesto de silencio)

CÔRO DAS BAILADEIRAS

A noiva é como a aurora
que o orvalho molha;
flor que um desejo cora
e amor desfolha.

CASSI

A noiva é minha irmã; o amor divino e santo
é esse! á tua voz responde aquelle canto.
Amor que não se esconde e todos podem vêr!
amor que se abençoa!... O amor que Deus não quer
é este que me dás e que te eu dou!... É triste
amar co'inferno aqui, e sempre amar!

RAUL

Mentiste!
Perdoa! eu sou do mar! sou rude mas leal;
o amor que alli se canta é sempre o amor brutal!
Seis annos têm amôr? a noiva tem seis annos!
da noiva brota a esposa e n'ella os desenganos!
A esposa é sempre escrava, o esposo é sempre rei!

o abysmo entre esses dois!—Diz isto a tua lei?
Póde haver calmaria... e póde haver procella;
a nupcia prende, sim, mas só o amor nivella.
A tua irmã vendeu por gemmas do Pegú
a mocidade, a vida, a liberdade!... E tu?
amaste quando noiva? amaste quando esposa?
acarinhou-te um beijo os labios teus de rosa?
lembra-te uma palavra? um riso? um gesto só,
d'enternecido amor? de carinhoso dó?
nem isso! e porque a sorte os laços teus quebrara,
has de seguir na morte a alma sombria e avara!...

CASSI

(*Imperiosa*)

Cala-te!

RAUL

(*Depois de a olhar por muito tempo, decidido*)

Adeus Cassi!

CASSI

(*Anciosa*)

Partir! partir sem mim?!...

RAUL

(*Sorrindo com muita tristeza*)

Tu és de bronze e eu louco... O mar espera... e emfim...
a *Aurora*..., o meu navio, a olhar para as estrellas...
vou-me fazer ao mar e abrir todas as vellas.
Tenho-lh edito: «Espera! hoje... amanhã talvez!...
Adorna-me essa tolda e aceia o teu convez,
que eu roubo a minha noiva ao seu atroz tormento!
é condemnada á morte! á morte a fogo lento!»
. . . . . .
Agora... chego a bordo e dizem-lhe os meus ais...
«Galera! mar-em-fóra! e para nunca mais!»

CASSI

(*Abraçando-o muito e arrastando-o para a frente da scena com a maior vehemencia*)

Cruel! deixares-me aqui,
sepulta n'este martirio!
não te diz o meu delirio
que morro d'amor por ti?

Dos tigres d'essas collinas
tenho a febre, o amor, o anceio!
Se foges, rasgo-te o seio
co'as minhas mãos pequeninas!

Dar-me em troca d'este amor,
que me inspiraste, serpente!
um frio «adeus» inclemente!...
Pensaste bem n'este horror?

Vais se eu for! se fico, é certo
que ficas junto commigo!
mortos, no mesmo jazigo!
vivos, no mesmo deserto.

Não sabias, infeliz,
que tudo aqui tem veneno?
o sol, o orvalho sereno,
homens, paixões e reptis?!

Podes? a isempção recobra,
meu amante idolatrado!...
Raul! ficaste enleado
nas espiraes d'esta cobra!

Leva-me pois mundo além!
a tua patria é Florença?
tenho uma vontade immensa
de vêr o teu berço!

RAUL

Vem!

Foge das tristes clausuras
Eva das negras florestas!
a minha terra tem festas
e a tua tem sepulturas!

O ceo da Italia tem sóes
e os seus jardins primaveras;
as tuas selvas têm feras
e as minhas têm rouxinoes.

Pousar na relva do prado
póde o teu corpo tão bello,
que lá não silva a capello
nem ruge o tigre esfaimado.

Não queres a terra? o mar!
o grande seio arquejante,
que ha de tremer delirante
aos raios do teu olhar.

Vem vêr o espelho siderio
de sobre a minha galera!
chegamos na primavera
ás terras d'outro hemispherio.

Deixa vir os temporaes!
deixa engrandecer o abysmo!
é quando eu medito e scismo
no immenso clamor sem ais!

quando metto a proa ás ondas
e a minha brilhante *Aurora*
faz vinte milhas por hora
co'as vellas todas redondas!

quando provoco o escarceu,
que estruge escumante e cego!
e desço aos seios do pégo,
e passo as nuvens do ceo!

Tu sempre, sempre a meu lado,
como Sant'elmo d'esp'rança,
verás sorrir a bonança
no ceo azul e estrellado;

e outra vez, submisso o mar,
dar á galera offegante
cauda de lumes brilhante,
e em vez de rugir, cantar!

As auras, como em resposta,
tributo aos nossos amores,
nos trarão, d'aves e flores,
cantos e aromas da costa.

Verás como o nosso amor
nos leva do ceo ás portas!
duas creanças absortas,
loucas de tanto esplendor!

CASSI

(Abraçando-o muito, persuasiva e terna)

Falla mais, querido esposo!
quando a tua voz se expande
eu sinto a minh'alma grande
e o meu coração radioso!

Como a tua voz seduz!
Eu vi o horror das procellas!
depois, o iris sobre as vellas!
depois, a bonança e a luz!

Tudo um sonho deslumbrante!
Ceo e mar!—a immensidade!—
o teu seio! a liberdade!
e tu destemido e amante!

E eu desprendida a voar
por mares e ceos tão vagos!
Na terra, jardins e lagos
e a humanidade a cantar!

Mas nas paisagens divinas,
em miragens feiticeiras
eu via sempre palmeiras
e champós e bengalinas!

Leva-me já por quem és!
finde aqui o meu tormento!
uma hora mais, um momento,
e morro doida a teus pés.

(Olhando para si).

Espera! é finda a batalha;
pois que me aguarda a ventura,
quero n'esta sepultura
deixar a minha mortalha!

(Entra correndo para os seus aposentos, á direita Raul vai como que para detêl-a, pára á porta e fica pensativo)

SCENA VI

RAUL, só

Que nuvem negra surge do oriente?!...
comtudo o ceo é liso e o mar é chão!...
sim, mas no mar das Indias, de repente
se ennovella um tufão!
cerca o navio, abraça-o, redopia,
ergue, ergue ao ceo as torvas espiraes,
cáe dentro o mar e o vento que esfuzia
mette-o no fundo e não surdiu jámais!...

CÔRO DE BAILADEIRAS
(*dentro*)

Regia um rei magnanimo
os povos de Madrasta;
na guerra da impia casta
cahiu a batalhar;
na grande pyra fulgida,
amantes e formosas,
as suas cem esposas
morreram a cantar.

RAUL

Honrae a hecatombe lugubre
de cem viuvas formosas!
sobre as lenhas olorosas
espargi oleos a flux!...
Sinistra canção de nupcias!
epithalamio do inferno!...
Noite!... noite!... escuro eterno
em ti! ó berço da luz!...

CÔRO DAS BAILADEIRAS

(*Continuando*)

Tal da grandeza a sorte
fulge, apagou-se!
o amor até na morte
é doce! doce!

RAUL

Terra de selvas inhospitas,
de tristes servos madrasta!

eu sou filho da *impia casta*,
dos que em tuas leis são reus.
Venho lutar contra seculos
d'um preconceito sagrado;
estou só, mas a meu lado
tenho a verdade que é Deus.

CÔRO DE BAILADEIRAS

(*Continuando*)

Cresce! faz'-te mulher, noiva innocente,
fórma desejos mil!
sonha em banho d'aromas doce e quente
e has de tremer d'amor, corpo gentil!

RAUL

(*Para dentro*)

Convido-vos tambem á festa esponsalicia,
perante melhor Deus, melhor amor e altar;
dou-vos mais amplo ar, mais luzes, mais delicia
na grande sala azul feita de ceo e mar.

SCENA VII

RAUL e CASSI

Cassi vem ricamente vestida de sêda de chapur com barras d'oiro; choli de setim encarnado tambem bordado d'oiro; a cabeça, o peito, os braços, as orelhas e até os tornozellos vem cobertos d'oiro e pedras preciosas; nos braços pulseiras de vidro de diversas côres intercalam as pulseiras d'oiro. Apenas entra pára e fica immovel)

RAUL

(*Recuando*)

Fulgente apparição, que, deslumbrado,
vejo ante mim!... És tu, querida esposa?...
Falla!... caminha!... ri, visão formosa!...
por Deus t'o peço!...

CASSI

(*Quasi louca*)

Ó noivo idolatrado!

Achas-me bella? e queimam-me
as joias flammejantes!
e n'estas côres vividas
ha sangue! vês, Raul?!
Fogo!... Ai! faz-me tremula
a luz d'estes diamantes!...
A tua *Aurora* espera-nos,
e o mar, e o ceo azul!

Leva-me... Vou! matavam-me
os frios assassinos!
Tu és valente e eu timida,
mas forte ao pé de ti.
Vou! Amanhã sou reproba!...

(*Ouve-se musica dentro*)

Calae da festa os hymnos,
que heis de pagar com lagrimas
o lucto em que eu vivi!

(*Ouve-se rir*)

Ride, opulentos miseros,
que não sabeis que existe,

sob este tecto esplendido,
uma alma sem fulgor!
Louvae o ãmor em canticos
e nem sonheis que a triste
escuta, vê, contorce-se
d'inveja e de furor!

(*Toma Raul pela mão, vai a sahir, pára e volta com elle para a frente do palco. A negra nubiana apparece ao fundo, e vendo-os sem que elles a vejam, torna a sahir, tendo mostrado no gesto o seu espanto. Cassi recita enternecida*)

Raul, eu era candida!
rola innocente e imbelle
pedia em preces calidas
a morte e era feliz!
vi-te, e um desejo fervido
me arrasta, força, impelle
para o abysmo turbido!...
Raul, que mal te fiz?

Deixa-me! Oh! não, não! quero-te!
mas vê! celebra-se hoje
a nupcia, a prisão mistica
da minha Sundorem!

meu pae é velho e morre-lhe !
se a triste irmã lhe foge
que ha de ser d'ella ?... ai misera !
sem mim ! sem pae ! sem mãe !

Seis annos só, e os jubilos
da sua festa, em lucto !
fujo e transformo em tumulo
a casa de meus paes !
entra a vergonha, o escandalo
no lar sempre impoluto !
foge o cortejo e a musica !
tudo se abisma em ais !

SCENA VIII

Abrem-se as cortinas do fundo e apparecem todos e á frente d'elles Ramá, Raul e Cassi ficam petrificados e permanecem com as mãos enlaçadas; ao fundo todos estão espantados, só Sundorem chora)

RAMÁ

Que mal te fiz ó Deus ! fulmina o velho exangue !
mata-me ! escuta ainda a voz que por ti clama !

acode-me, Senhor ! é o meu proprio sangue
que a minha casta enlucta e a minha honra infama !

Fujamos d'esta casa onde já Deus não mora
e caiam pedra a pedra os profanados lares !
Mal hajas tu ! mal haja a negra, a fatal hora
em que o estrangeiro entrou nos indicos palmares !

TODOS

(*Menos Cassi, Raul e Sundorem*)

No opprobrio te arrasta,
infame e proscripta,
viuva sem casta,
maldita ! maldita !

(*Todos desapparecem, apagam-se fóra as luzes, Raul e Cassi tem ajoelhado*)

SCENA IX

RAUL e CASSI

CASSI

(Em delirio correndo ao fundo)

Pae!... pae!... Ema!... Sundorem?!...
Mogá!... Chaneim!... Pois que é isto?
O raio desce imprevisto
e linhas de sangue traça
pela atmosphera cinzenta,
e quando o trovão rebenta
já não encontra ninguem!
Tudo passa! tudo passa!
que tudo foge á desgraça
e eu quero fugir tambem.

Que silencio e que negrura!...
Morro! — Mais luz! mais ar!...
Maldita!... condemnada!... infame! impura!...
(Rindo)

Ai! a loucura, a loucura
e o noivado no alto mar!

RAUL

(Á parte)

Que é isto? sinto o abysmo
tremer sob os meus pés!
Vertigem! paroxismo!
se me ouves, se me vês,
acorda-me, se sonho,
ou mata-me...

CASSI

(Com vivacidade e como quem toma uma deliberação)

Talvez!
Hei de achal-os! eu conheço
este caminho escabroso!

(Caminha em volta do claustro)

Entremos no bosque umbroso...
Quanto cajueiro espesso!

(Abaixando-se e julgando afastar os ramos com as mãos)

Ó tamarindo mimoso,

(Abraçando uma das columnas)

viste-os passar por aqui ?...
Pae ! pae !... Que silencio ! eu morro !
morro de medo ! soccorro !

(Correndo muito)

Sou eu, Sundorem !

RAUL

Cassi !

CASSI

(Escondendo-se)

Elle ?... ou a voz que levo n'alma ?!
Eccos, silencio ! piedade !

(Muito supplicante)

deixae-me passar em calma ;
ando fugida ! proscripta !
e tenho tanta saudade...

Ávante ! ávante alma afflicta !

(Caminha sempre)

RAUL

(Chorando)

Cassi ! Cassi !

CASSI

(Esquiva e medrosa)

Não sou eu !

RAUL

Escuta um momento ainda !
Por tua irmã...

CASSI

Que é tão linda!

RAUL

Por tua mãe...

CASSI

Já morreu!

(Passando e observando)

Eis-me n'um monte escalvado...
que rochas negras ali
e que abysmo alcantilado!

(Momentos de silencio, andando de novo)

Aqui de novo o arvoredo,
mas tudo sêcco!... esfolhado!
Ai, vêde o que é ser maldita!
eu já passei por aqui,

ó desflorido pragal!
cahiram da selva umbrosa
folha a folha rosa a rosa
ao meu contacto fatal!

(Caminha mais. Começa a amanhecer)

RAUL

(Ajoelhando)

Deus d'ella e meu! Deus grande e protector e augusto!
Deus que não vês familia estranha ao teu amor!
Deus pae dos bons, dos maus, Deus sempre justo!
Deus unico, onde estás, que me não vês, Senhor?!

Pela primeira vez a ti as mãos levanto!
pela primeira vez se prostra a supplicar
quem viu morrer seus paes sem derramar um pranto,
quem nunca se ajoelhou nos temporaes do mar!

CASSI

(Parando á frente da scena)

Cancei, não posso mais!
Passei agora uma torrente enorme,
Chamei, chamei!... Como o deserto dorme!

Nem aves nem serpentes,
nem tigres nem chacais!
nem feras ha n'esta soidão sem fim!
se as ha, fogem de mim!
.....
Que immensa multidão
brama, ondeia, remoinha e se comprime!
E quanta não corôa os horisontes
e desce pelos montes
em lucidas torrentes,
como chusma de lubricas serpentes!...
Vinde, feras! mordei o coração
d'uma pobre mulher que não tem crime!

RAUL

Justos ceos! nem uma esp'rança!
Que importa que eu chore ou rogue?...
E ha de morrer sem vingança
a mulher que eu tanto amei!...
E nem um peito onde afogue
as furias que me consomem!...
A mim, villões, que sou homem!
a mim, que vos deshonrei!
a mim, refalsados seres,

que vos cobri de baldões!
assassinos de mulheres!
covardes! párias! villões!

CASSI

(Que o tem escutado pasmada tomando-lhe a mão)

Oh! cala a voz blasphema! o leito ó perto,

(Mostrando-lhe o clarão da manhã cada vez mais vivo)

lá dormiremos em noivado eterno.
Ais e dôres, o ceo... n'aquelle inferno
cinza por fim... e o vento do deserto!

(Mostrando-lhe sempre o clarão)

O fogo que atiei nas sêccas ramas
envolve e abraza já toda a floresta;
fiz lenha immensa para a immensa festa!
Aguarda um pouco, ó thalamo de chammas!

(Julgando despedir-se das suas companheiras)

Adeus minhas queridas companheiras,
a voz da morte aos meus ouvidos sôa,
e eu vou, que sempre fui submissa e boa.
Guardae-me estas lembranças derradeiras.

(Tirando as joias e fazendo menção de as entregar ás pessoas que julga vêr. Recita sorrindo, lentamente e com muita tristeza. As joias vão cahindo no chão)

São para ti, Chaneim,
estas joias; adorna os teus cabellos,
os meus tambem diziam que eram bellos!...
Dizia-o minha mãe!..

Mogá! toma estas perolas,
põe-nas ao colo! assim!
Olha as tristes, Mogá, parecem lagrimas!..
Serão! serão por mim!

Estes brilhantes agora
são para ti, Sundorem;
lucido orvalho da aurora
na branda flor da manhã.

(Ajoelhando)

Deixa que eu te abrace e beije,
creança de quem fui mãe!
Eu morro e quem te proteje,
minha pequenina irmã?!...

(Muito triste e supplicante)

Dize a meu pae que a maldita
chegou pura ao triste fim!
e se elle não acredita...
chora e não falles em mim.

(Vai a erguer-se e ouve-se fóra, em clamor de muitas vozes)

No opprobrio te arrasta,
infame e proscripta,
viuva sem casta,
maldita! maldita!

(Cassi cáe, dando um grito, nos braços de Raul)

RAUL

Senhor do ceo!

CASSI

Escuta-me!
no mundo todo o altar
é throno ou é patibulo;

(Apontando o ceo)

ali, póde-se amar.

(Expira)

RAUL

Cassi! Cassi! tem piedade
do remorso, da saudade
que me envenena e consome!

(Um raio de sol vem bater no rosto de Cassi, e Raul vendo-a morta diz olhando-a)

Sol, que a vês do ceo profundo,
diz a Deus que em todo o mundo
se mata gente em seu nome!

Poesias

Relativas à India, extraídas do livro «Vesperas»

Á MEMORIA

DE

FRANCISCO LUIZ GOMES

Morrer, fugir da luz! furtar-se á gloria
quem tão mimoso foi dos seus affagos!
quem, no abysmo sem fim dos sonhos vagos,
passára a vida á trasbordar de luz!
Caír assim do pantheon da historia,
do fastigio, do vertice, do cumulo,
ante-sazão, no immenso mar! um tumulo
onde não vela a sombra d'uma cruz!

Astro do rico oriente, assim te abysmas,
ao volveres de novo ao floreo berço,
quando, em miragens d'esperança immerso,
vinhas, cançado obreiro, repousar!

Já vias palmeiraes e aurora e prismas,
cascatas entre flores deslumbrantes,
e ineffaveis canções, fallas amantes
já te ouvia o desejo além do mar...

e dobraste a cabeça, e adormeceste
pelo oceano embalado, como embala
a mãe, que espreita o filho e que não falla,
até que elle se encosta e mais não ri.
Tua alma, rosa mystica e celeste,
fez-se aroma e subiu, desfeito o enleio;
o mar que te embalára, abrindo o seio
disse-te:—Vem!—e tu entraste alli!

nesse tumulo grande e crystalino,
cheio de luz, d'anceio e de rumores,
onde ha grutas e perolas e flores
e alamedas de rubidos coraes.
Insondaveis mysterios do destino!
foges, cançado, aos temporaes da vida,
ergues o vôo... e cáes, aguia ferida,
no pego dos eternos temporaes!!

Foi uma sina, amigo, e teu fadario
era o do lidador que um dia ás vagas
a vida arremessou! quem sabe as plagas
a que o vae arrojar o seu baixel?!

quem sabe o caprichoso itinerario
que a nuvem cobre e o vento contraria?
segredos do tufão, da calmaria,
da restinga, do leme e do parcel!

Ninguem se esconde á sorte. A nuvem pallida
d'uma grande saudade a India cobre;
deixae passar a sombra triste e nobre,
dae-lhe em tributo os cantos funeraes.
No mar ficou apenas a crysalida;
o tempo, que as memorias divinisa,
ha de escrever seu nome por divisa
no pantheon das glorias orientaes.

CANÇÕES DA INDIA

I

Mocadão, empunha o leme !
solta a véla ! rumo a leste !
corta o espelho azul-celeste
do risonho Mandovy !
Arfa o rio, a aragem treme,
pousa o sol n'um mar purpureo,
e ha nas ondas um murmurio
que segreda e canta e ri.

Ó Gôa, céo d'amores,
Veneza oriental !
canaes por entre flores,
palhetas de mil côres
no rumuro crystal !

O escaler é branco e fino
como a garça, alva de neve,
que além passa, e que de leve
roça a flor do rubro mar.
Céo sem fim! paiz divino!
luz e aromas do oriente,
que fazeis á alma dormente
conceber, sorrir, sonhar!

Céo, vivida saphira,
desmaia o teu cariz!
hora em que o sol delira,
ama, e d'amor expira
nos extasis febris.

Cintra, ó Cintra da India amena,
recatados horisontes,
fundos valles, verdes montes,
que estaes rindo para nós!
Solidão fresca e serena,
que tens fontes e cascatas,
nobre orgulho dos marathas,
tentação dos bounsolós!

O céo, como palpita,
fecundo, o seio teu!
e accende-se e crepita
o enxame que te habita
d'astros sem conto, ó céo!

Pois que o vento o mastro inclina,
e a corrente o barco impelle,
que o sol foge e em logar d'elle,
vêde, a lua vae nascer,
que na tela azul, divina,
Deus põe côres surprehendentes,
vá! cantemos, indolentes
remadores do escaler!

Embora o sol se esconda,
o astro da soidão
entorna em cada onda
diamantes de Golconda
e perlas de Ceylão.

II

A minha tona resume
os thesouros do meu lar:
bilha d'agua, esteira e lume;
o mais dá-m'o Deus e o mar.

Se Mormugão tem perolas,
saphiras e ouro, Onor,
se amores, Angediva,
brilhantes, Bisnagar,
eu roço a medo e triste a praia esquiva,
e resta ao pescador...
sómente o mar.

Sou pescador do mar alto,
nasci na umbrosa Mahem;
se a noite ergue o mar e eu falto,
que ha de ser de minha mãe?

Se Mormugão tem perolas,
se rosas tem Dandim,
se bellas, Angediva,
brilhantes, Bisnagar,
eu deixo sempre ao largo a praia esquiva,
e resta para mim...
sómente o mar.

É-me abrigo a minha véla;
sombra, contra o sol mortal;
calor, se me embrulho n'ella,
contra o frigido *terral*.

Se Mormugão tem perolas,
se fadas tem Pondá,
se glorias, Angediva,
brilhantes, Bisnagar,
eu fujo como estranho á praia esquiva,
e resta-me por lá...
sómente o mar.

Quando a tona se me encosta
ás palmeiras de Dandim,
segue-nos por toda a costa
o aroma d'este jardim.

Ceylão tambem tem perolas,
e tem rubis Pegú,
brilhantes tem Golconda,
sanguineas Carwar,
e eu passo a vida triste d'onda em onda,
e resta ao pobre nu...
sómente o mar.

III *

D'amor aos braços flaccidos,
delicias do prazer,
vem! gosa! n'esta alfombra
tentam fragrancia e sombra!
que és tu?... simples mulher!

Tanges a *Visnam*, requebras-te
em novos cantos e danças;
bailas sempre airosa e languida,
e em tantas voltas não canças!

D'amor aos braços flaccidos,
delicias do prazer,
vem! gosa! n'esta alfombra
tentam fragrancia e sombra!
que és tu?... simples mulher!

Dize ao teu fio de perolas,
dize, amor estremecido,
que pague d'amor a divida
ao meu desejo insoffrido.

---

* Traducções.

D'amor aos braços flaccidos,
delicias do prazer,
vem! gosa! n'esta alfombra
tentam fragrancia e sombra!
que és tu?... simples mulher!

IV

Homem tisnado, aos teus braços
corro, viril formosura!
deixa embeber-me em teus olhos,
cheios de vida e doçura!

Ó crestado semblante, rosto amavel,
tentação de morrer!
tu és fonte perenne, inexgotavel,
unica, do prazer!

Homem tisnado, aos teus braços
corro, viril formosura!
deixa embeber-me em teus olhos,
cheios de vida e doçura!

Senhor, que sobre um dedo ergueste um monte,
(quão poderoso és!)
oh! consente, senhor, que a minha fronte
pouse sobre os teus pés!

Homem tisnado, aos teus braços
corro, viril formosura!
deixa embeber-me em teus olhos,
cheios de vida e doçura!

V

Vamos, é noite velha e eu vou comtigo,
senhor, ó meu senhor!
vamos depressa, estremecido amigo!
eu vou comtigo! A noite faz pavor!

Já sondaste desejos da minh'alma,
ancias do meu amor;
toma-me! vem! sou tua! colhe a palma!
A noite calma... embora, faz pavor.

VI

Vês, senhor? a lua espreita-me,
e vê-me, como eu a vi!
conheceu-me o rosto pallido...
como hei de chegar-me a ti?

VII

Foge de mim, cavalleiro,
que, emfim, já sei quanto vale
o teu fallar lisongeiro.

Dize: pódes construir
só d'areia um pedestal?
póde acaso alguem subir
pelo fio d'um punhal?

És filho de *Mathará*
e eu sou *gugir puniari*:
que pódes querer de cá?
que posso esperar de ti?

Foge de mim, cavalleiro,
que, emfim, já sei quanto vale
o teu fallar traiçoeiro.

VIII *

As mouras de Pondá
são como o sol do oriente,
que é quente, quente;
mas no alto Mordongouro
cioso espreita o mouro,
e o barco não vae lá.
Cantar, cantar!
Quem vos podéra amar,
ó mouras de Pondá!

IX

Feliz do que, encontrando-a entre-dormida,
ao lado se lhe deite
antes que venha o dia,
sonhando paraizos de deleite,
sentindo-a palpitante e commovida,
e que ella acorde, o veja... e lhe sorria.

---

* Emitações.

X

Ella espera e sonha e quer
amores que tenham febre;
amor que a isenção lhe quebre,
amor que a faça mulher.

XI

O noivo espera, remeiros,
vergae os remos nas agoas.
Quantas penas, quantas magoas
vão em peitos de donzellas
e ficam tambem por ellas
em peitos de cavalleiros?!

XII

as palmas olham a terra
e as arequeiras o céo;
pois vale mais quem se curva
do que quem tanto se ergueu.

XIII

Nem sempre chora quem pena,
nem sempre o mar mostra escolhos,
nem sempre ri quem se alegra,
nem dorme quem fecha os olhos.

VIOLANTE

Que linda!... quem não te adora,
raio de luz da manhã?!
loura, rosada, louçã,
innocente e scismadora!

E porque scismas, querida?
receia acaso a tu'alma
de não encontrar a palma
que a gente sonha na vida?

é muito cêdo, vê bem,
deixa lá scismar o triste,
que na soidão em que existe
nada espera e nada tem.

mas tu?... Sabes, innocente,
que me faz mal vêr-te assim?!
aroma d'este jardim,
aurora de fulvo oriente!

a cada qual seus cuidados:
tu és a copla d'um hymno;
canta! cumpre o teu destino,
ave dos flóridos prados!

Tu és mulher, anjo e flor,
toda luz e riso e gala,
branca, um champó de Bengalla;
bella, uma rosa de Onor.

Que linda!... quem não te adora,
raio de luz da manhã?
loura, rosada, louçã,
porém, sempre scismadora!

Tu, a quem por um sorriso
déra o seu nome *Angediva*,
que até no seres esquiva
dás mostras de paraizo,

porque has-de scismar? e então
na terra onde ha tanta palma!
Deixa voar a tua alma,
não deixes ao coração.

É como avesinha solta,
que um fóco de luz attrahe,
e assusta-se e lucta e cáe,
e as azas queima e não volta.

Tens o olhar no oceano immerso!
serão saudades? responde!
talvez, que onde o sol se esconde
fica o teu berço e o meu berço!

Tu nunca o viste, bem sei,
mas n'uma alma dolorida
ha saudade indefinida,
que chama, que attrahe, que é lei.

Quando eu voltar, se algum dia
volvo á terra de meus paes,
tu vaes commigo, oh! sim, vaes,
dou-te o barco e a companhia.

Vaes na galera dourada
da minha musa; é formosa!
é toda sandalo e rosa;
tu chamas-lhe genio e eu fada.

Vão comnosco inspirações
que brotam do seio amante;
vae o estro delirante
a derramar-se em canções.

Vae o bem-querer sem meta
e a liberdade sem fim;
vae teu seio junto a mim!...
Ventura e gloria completa!

Nas vélas de seda, flores;
a flux, crystaes e brocados;
a guarnição, — de cuidados,
a tripulação, — d'amores.

Dará dia ou noite aos céos
o capricho dos teus sonhos...
dia, os teus, que são risonhos;
noite, a tristura dos meus.

Teu olhar será meu astro,
e a vaga ha de acompanhar
uma harpa eólea a cantar
pendente de cada mastro.

Verás como se delira
na solidão luminosa!
Quando cançares, formosa,
embalo-te ao som da lyra.

e vou encostar-te, ó flor,
sobre o teu coxim bordado,
e hei de ajoelhar-me a teu lado
a segredar-te d'amor.

Oh! para bem longe a praia,
onde a visão se desfaz!
onde a miragem, falaz,
mas tão risonha, desmaia.

Quebre-se, embora, a galera!
morrâmos ambos, querida,
e continuemos a vida,
longe, escondidos na esphera.

O SINO D'OURO

É noite lobrega! o sino,
o sino d'ouro da Sé,
dá badaladas soturnas
chamando ás preces nocturnas!..
Quem chama o sino?.. quem é?!..

Pois d'estas cryptas sombrias,
d'estas funerarias urnas
quem se levanta? quem vê
coar-se o raio divino
da luz da mystica lampada
pelas janellas do templo
como o olhar casto da fé?

Só se das marmoreas campas
resurgem, por horas mortas,
os heroes de mil batalhas,
naufragos de cem procellas
da sorte nos invios mares,
e vão depôr nos altares,
em vez de rasgadas vélas,
ensanguentadas mortalhas!

Tange, sino d'ouro, tange
na velha torre da Sé,
que se o teu som se refrange
nos ecos da solidão,
se das abobadas rotas,
que estão ruindo a pedaços,
te responde o furacão,
talvez que aos heroes d'Ormuz,
de Chaul, Diu e Ceylão,
quebres o sêllo da morte
e acordes o coração.
Era tão grande! tão forte!..
Poderam com tantas magoas
e ganharam tanta gloria
sobre a terra e sobre as agoas,
e são tão vivos na historia!

....

Tange, sino d'ouro, tange
na velha torre da Sé,
que o teu convite inda abrange
um grande imperio onde ha fé.
Em todo o paiz da aurora
á tua voz, reverente,
se descobre, pára e ora
o immenso povo christão;
a tua voz inda sôa
desde as ruinas de Gôa
até ao floreo Japão;
desde Ormuz ao Guzerate,
desde Timor a Pekim,
desde Ceylão a Surrate,
desde Cambaya a Cochim,
sôa sempre! e só desmaia
nas planuras do Hymalaia,
do sul nos mares sem fim!

.....

Meu Deus! eu tenho provado
o calix amargurado
de quanta tristeza existe
no mundo e na solidão,
mas nunca uma voz tão triste
me bateu no coração!

A noite lobrega, escura!
A estreita cella que habito
n'este palacio-clausura!
Esta janella entre-aberta,
por onde me vem perfumes
da selvatica floresta,
d'onde vejo: além, o mar;
um arco, alli, o que resta
da necropole deserta!
e milhões de vagalumes
estrellejando o palmar!
E no vestigio que morre,
na solidão que recresce,
da alta ventana da torre,
chamando á nocturna prece,
a voz do sino que brande
ais de dôr na solidão!..
Nunca tristeza tão grande
me entrou pelo coração!

.....

Vim assistir ao desabar da gloria!
Ter de mostrar ás tribus estrangeiras
por todos os tropheus da nossa historia
Só ruinas, desertos e caveiras!..

.....

Colhe a piedosa voz o sino que se queixa!
Trémula vibração, como final d'endecha,
inda no espaço carpe, inda se eleva ao céo,
treme, vacilla, anceia, esmaia... e emfim morreu!
Agora, nada!.. nada!.. escuto, e nada escuto!
o mar sombrio e quèdo, a terra e o céo em luto,
e eu só, como o romeiro, entre funereo pó,
eu só, como a saudade, e agora ainda mais só!
que o som é companhia e um eco dá conforto;
ha vida em cada voz! só o silencio é morto.

DIPPU

CONTO ORIENTAL

RECITADO NO QUINTO ANNIVERSARIO DA ESCOLA

CARIDADE

EM LISBOA

OFFERECIDO AO MEU ESPECIAL AMIGO

JOSÉ AGOSTINHO DE FIGUEIREDO PACHECO TELLES

I

Meninos, silencio agora!
eu quero fallar tambem.
Ha festa em casa da aurora?
pois viva quem n'ella mora
e os crentes que á festa vem!

Eu sou romeiro, meninos,
venho cançado, mas vim;
ouvia lá fóra uns hymnos...
— Vamos vêr os pequeninos —
disse eu, de mim para mim.

Que á gente, posta defronte
de tanto florente amor,
lembra, no abrigo d'um monte,
floresta ao pé d'uma fonte,
lago ao pé de muita flor.

Tem-se aromas e frescura
e rouxinoes a cantar.
É doce, n'esta espessura,
antes de subir á altura
assentar-se e conversar.

Guardae-me bem na memoria
aquillo que eu vou dizer;
vou contar-vos uma historia
em que entra a ventura e a gloria
d'alguem, que aprendeu a ler.

— LER — ouviste, mocidade?
Vêde bem se me escutaes;
— LER — é o verbo e a trindade
da biblia da humanidade:
tres lettras só, nada mais.

— LER —! A palavra é pequena
como vós sois, e eu já vi,
em manhã limpida e amena,
de orvalho perla serena,
conter o universo em si.

— LER — é cantico da aurora,
é chave, conselho e luz,
fé que vê, temor que adora,
não diz: — foge! — revigora,
nem: — pára! — ensina e conduz.

Agora escutae, meninos,
a historia que vou contar:
heis de vêr que, se ha destinos
em toda a parte mofinos,
ha sempre Deus a espreitar.

II

Foi nos ardentes indicos palmares,
onde entre os cajuaes, a bengalina,
tendo por fundo os transparentes mares,
levanta e ostenta a coma purpurina;

onde, como n'um sonho ardente e vago,
n'um extasi d'amor que não tem falla,
champós e vonvoleiros de Bengala
contemplam as nimpheias sobre o lago;

onde o tigre real ruge d'amores
e o terno moruoni canta no ermo,
e tem de luz milhões, milhões de flores
os palmeiraes e o céo fundo e sem termo;

onde são rosas, sol, rio, floresta,
os gentilicos trages, a plumagem
dos passaros, esmalte da paisagem,
eterna primavera e eterna festa;

III

foi alli. N'um céo d'amores,
nos arecaes de Quiulá,
vivia entre sombra e flores
Ramagy Vassu, rajá.

Tinham seus filhos, valentes
como os tigres d'Ervalem,
a bronzea côr das serpentes
e os olhos lindos, tambem.

Tremia o feroz maratha
do seu provado valor,
Angriá, o cruel pirata,
e os reis de Sunda e d'Onor.

As joias nos seus turbantes
ferviam como em crisol,
dos seus punhaes os brilhantes
mandavam raios ao sol.

Nas festas e nos combates!
quer na terra, quer no mar,
eram a gloria dos Gattes,
o orgulho do Malabar.

Tinha outro filho... Ai! que prantos
chorava o pobre Dippu!
vivia escondido aos cantos,
disforme, esqualido e nu!

Entre motejos protervos,
desdens e affrontas mortaes,
era o ludibrio entre os servos,
o pária entre os seus eguaes!

Seu pae pensára em matal-o
e dal-o em pasto ao chacal!
se nem montava um cavallo
nem segurava um punhal!

Mas foi disputal-o á morte
sua mulher, Sundorem,
e Deus protegeu-lhe a sorte
nos braços da pobre mãe,

IV

Havia um brahmine, um velho,
no palacio do rajá;
Na casa onde um velho está
não falta amor nem conselho.

E elle era sabio, elle só,
lia, escrevia, contava,
e toda a casa adorava
o velho Sinai Dempó.

Lembrou-se um dia .. (Lembranças
que lhe não foram bem pagas)
d'ensinar nas horas vagas
lêr e escrever às creanças.

—Recolhe a proposta insana,
lhe disse o feroz Vassu,
bastas para sabio tu,
que explicas o Ramayana.

De mais me parece já
que o teu treslêr me adormeça;
mando espremer-te a cabeça
se os enfeitiças! vê lá!—

Da sentença iniqua, avára,
sentiu-se o brahmine, emtanto,
ouviu soluçar a um canto
Dippu, que tudo escutára.

—Vem, lhe disse o velho a medo,
se queres ser homem.—Vou!—
O que entre os dois se passou
foi muito tempo segredo.

V

Annos depois, mortifera
a guerra de cem povos
troava sobre os pincaros
do velho Malabar;
os Gattes accenderam-se
e cada dia novos
petrechos, trens e exercitos
se viam desfilar.

Nobre Vassu, apresta-te!
sus, sus! tudo a cavallo,
que a lava desce rapida
ás sombras de Quiulá.

Todo o Concão em fremito
escuta o immenso abalo,
que vae da serra inhospita
ao baixo Canará.

O tigre espreita pavido,
silva a capello altiva,
e o palmeiral recurva-se
ao sopro assolador;
Cabo-de-Rama, o asperrimo,
as torres d'Angediva,
Saunt-Varim, o indomito,
Carwar, Alorna, Onor,

Griem Pondá, innumeras
cidades e muralhas
têm desabado aos impetos
da bronzea multidão;
sus, sus, Vassu, apresta-te!
o vento das batalhas
dos torreões no vertice
arranca o teu pendão!

VI

Como a tromba marinha, os tufões horridos,
chuvas de raios, temporaes do oriente,
a guerra alli passou.
Da assolação, do cataclysmo ingente,
ruinas côr de fumo em ermo inhospito,
eis tudo o que ficou.

Do vencedor nos subterraneos lobregos
jazem acorrentados os senhores
da vencida Quiulá;
resta o pária, curtindo as suas dores,
reptil das ruinas, e, assassinado, o brahmine!..
Dippu carpindo está!

VII

—Mestre, quero ir-me comtigo
morrer na tua fogueira!
eras-me pae, mestre, amigo,
e eu não pude dar-te abrigo
na tua hora derradeira!

Não me matar tonto abalo!..
Vêr minha mãe algemada!
Meu pae... Não poder vingal-o!..
Não sei montar um cavallo!
não sei brandir uma espada!

Ó mestre, embora de rojo,
vaes nos meus braços, espera!
sou como a fera, o meu fojo
é bem que fique de nojo
até que venha outra fera.

Como ficou hirto e duro
teu braço encostado ao peito!
Que tens n'esta mão seguro?..
Vejo um pensamento escuro
no teu gesto contrafeito!

Que é isto! um livro guardado
como um thesouro em teu seio!
e c'um dedo regelado
tens-me um logar apontado...
Meu Deus! que é isto que eu leio?

E leu: «Por detraz da fonte,
ao pé da estatua truncada,
existe um marco, e defronte,
cinco passos para o monte,
uma arca d'ouro, enterrada.

Se um dia a magra pobreza,
a mãe dos negros horrores,
se assentar á tua meza,
lá tens immensa riqueza
no cofre dos teus maiores.» —

— Oh! meus irmãos, bradava o pária em lagrimas,
meus paes, meus paes, que inda vos torno a ver!
bem hajas, mestre, e ia abraçal-o sofrego;
bemdito és tu, que me ensinaste a ler! —

VIII

Pagou-se o grão resgate aos vencedores, principes
de Corga e Punganor, e attonito o rajá
viu que a prisão lhe abria aquele pária esqualido
que um dia quiz matar nos paços de Quiulá.

Meninos, sobre a terra é tudo, tudo ephemero,
cidades, bastiões, thesouros e poder;
faz-se a opulencia pobre, a heroicidade emerita,
só vive sempre e cresce o próvido saber.

Quando o rajá Vassu, livre do escuro ergastulo,
todo o segredo ouviu, do pobre semi-nu,
disse co'as mãos no peito, a voz e os labios trémulos:
—Ó brahmine, perdôa! Escuta-me, Dippu:

Em premio de tanto bem,
Sei que este dom te consola,
faz' d'esta casa uma escóla
e ensina-me a ler também.

Gentio, mouro ou christão,
grande ou pária, o mundo inteiro!
sob o meu tecto hospedeiro
venha escutar-te a lição!..

Morreu, bemdito o rajá.
Esta é a unica riqueza
que, se enriquece a pobreza,
mais enriquece a quem dá.

Louroza de Besteiros, maio de 1872.

A VELHA GÔA

Eis a cidade morta, a solitaria Gôa!
seis templos alvejando entre um palmar enorme!
eis o Mandovy-Tejo, a oriental Lisboa!
onde, em jazigo regio, immensa gloria dorme.

Torres da cathedral! que lugubres sonidos
manda o sonoro bronze aos ecos da floresta?
e a coma da palmeira a modular gemidos,
como se um funeral passasse em torno á festa!

Ó musicas, tangei! retumba, artilheria!
Ó multidão, acclama o viso-rei que passa!
cáe, flor, do tamarindo! a rua é tão sombria!
cajueiro, deixa ao sol que inunde a immensa praça!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Que fazes tu de pé, arco das grandes eras?
que te sustêm no ar, abobada que scismas?!
passaram para nós as floreas primaveras,
as musicas da gloria, a luz dos aureos prismas.

Portico arrendilhado, orgulho da espessura,
tão pobre, velho e nu... cobri-o trepadeiras!
deixai-vos afundir no oceano de verdura
que sóbe e cresce e abysma as grimpas derradeiras!

Jaz em tristeza immersa a tetrica cidade!
o turbilhão dourado, o estrondear da festa,
envolve os em seu crepe a mistica saudade
e abysma-os no mysterio a pávida floresta.

Gentio triste e nu que paras e que pasmas
de vêr pisar sem bulha as virides alfombras:
a gala na soidão é brilho de phantasmas,
a festa n'um deserto é voltear de sombras.

Nós somos do passado a timida memoria,
buscando os seus avós no palmeiral funereo,
que apenas sobre-doura um tenue alvor de gloria,
como de fatua luz se esmalta um cemiterio.

D'aqui a pouco, á noite, hão de entoar os ventos
na sonorosa palma um cantico plangente,
e projectar-se ao largo as sombras dos moimentos
ao pallido clarão da lampada doente.

Serpes d'ardente olhar, tigres de crina hirsuta
darão á sacra selva, em seu voltear medonho,
scenas de immenso horror, sons de selvagem lucta;
vertigem vista á luz fantastica d'um sonho!

Rajás de Bisnagar, a vossa Gôa é nada!
filhos de Siva-Ray, é sombra o vosso imperio!
a flor do Mandovy cáe murcha e desfolhada!
a filha d'um jardim tapiza um cemiterio!

Memorias!.. Nada mais, sombrios monumentos!?
Saudades?.. oh! não basta, homericos vestigios!
Remorsos?.. mas são vis e estereis os lamentos!
Esp'rança! — eis o segredo, a vara dos prodigios!

A esperança é fonte e sol, manancial e origem;
Deus sabe quando finda a serie dos tormentos;
nem sempre a cerração e a pallida vertigem.
Esp'rae por honra nossa, altivos monumentos!

Nomes que tanto ergueu a tuba, a lyra, a historia,
Pachecos, Albuquerque, Almeidas, Gamas, Castros,
Silveira, Alorna, Mello e tanta e tanta gloria
devem erguer-se á luz de mais propicios astros!

Mas se o formoso sol que a minha mente sonha
não rompe a cerração nem calma adversos ventos,
roubando-nos á luz poupae-nos a vergonha!
caide sobre nós, heroicos monumentos!

CARTEIRA DE VIAGEM

Á ILL.ma E EX.ma SNR.a

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

«Nós patriæ fines et dultia linquimos arva».

Virgilio.

I

Eis-me chegado a Gôa, ao nobre senhorio,
que prestou feudo e preito aos inclitos varões.
Eis-me no Mandovy, o sacro-santo rio,
que viu surdir, tremendo, os lusos galeões!

Não sei que sacro horror o espirito me opprime
desde que veio a noite e a muda solidão!
Crêra que vão surdir-me espectros d'algum crime
banindo os viso-reis dos paços do Hidalcão!

Pois que silencio é este? Ouvis-me, altos senhores?
retratos que me olhaes, sombras dos meus avós?!
Mostrae-me o vosso imperio, ardidos lidadores!
Epopeias, heroes, Camões, onde estaes vós?..

. . . . . .

Que mysterios não ha do mundo na existencia!..
Vêr Gôa, tendo visto a ingente Bombaim!!..
Lá fulge Babylonia, em plena florescencia,
aqui Pompeia jaz, sepulta n'um jardim!..

Como é fugaz a gloria e como Deus castiga!!..
Longe, para bem longe, ingratos sonhos meus!
Vou conversar comtigo, ó minha doce amiga.
Vôa, meu coração, vôa para outros céos!

II

Que fazes tu nest'hora? aqui da noite o imperio,
ha muito, ha muito já, cobriu a terra e o céo,
e eu sei que o sol dardeja além, n'esse hemispherio,
'traz da cortina d'ouro onde se me escondeu.

Que fazes tu, senhora? ha flores no teu monte?
aqui o inverno chega, o inverno dos vulcões,
soturno e quente assoma ás orlas do horisonte;
vejo-o relampejar e escuto-lhe os trovões.

Hoje... ámanhã talvez, o bello céo indiano
toma-o a cerração e adeus cantos e soes!
cala-se o muruoni, rompe o diluvio insano;
e tu com céo e aroma e luz e rouxinoes!

É justo, é justo! esse quadro
diz tão bem á tua imagem!
Eu sou como a cruz d'um adro,
tu, como a flor da paisagem.

A ti, as rosas fagueiras;
da primavera o concerto;
a mim, as tristes palmeiras,
que são chorões do deserto.

Terra em flor e mar-espelho,
a ti, que esmaltas e alegras;
para mim, solo vermelho,
mar cavado e nuvens negras.

Eu tenho o coração forte,
e o rosto sereno e enxuto;
apraz-me luctar co'a sorte;
fico vencido, mas lucto.

Deixando as praias tão ledas
d'essa patria feiticeira,
não vim á terra dos Vedas
buscar a mancenilheira;

trazia a plantada n'alma,
essa filha da má sorte,
que abriga a tristeza calma
nas suas sombras de morte.

Tem a *acerba* crueldade
d'um seio amante e doente;
chama-se-lhe lá: saudade;
é *deliciosa e pungente*.

Onde ha conjuro que mude
o astro mau que me domina?
quem é que no mundo illude
as prescripções d'uma sina?

Eu para não ter, já agora,
esperança a que me acoite,
mal chego ao berço da aurora,
ergue-se o inverno e faz noite!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

III

Passei triste e saudoso entre os folguedos
e as festas da alta *Villa Coronada*;
tanto divino olhar, rostos tão ledos...
Minh'alma é como a flor dos olivedos,

co'a sorte d'ella a solidão condiz;
vive nas castas sombras recatada,
que é singela, inodora e sem matiz.

A capital ruidosa,
essa febril vulcanica cidade,
que tem placares d'ouro em cada chaga,
que ri no Prado, e, conspirando irosa,
se condensa, medonha tempestade;
que folga, ama, doudeja e se embriaga
no delirio das festas sanguinarias,
ostentava á minh'alma deslumbrada,
entre horrores de crimes e loucuras,
epopeias de glorias legendarias.
O Circo... Mauregato... Torquemada
accendendo as *piedosas* labaredas
ao som do «Miserere» das clausuras!
e ao sinistro clarão que se prolonga
do templo ao paço e do palacio á choça
debruçam-se os heroes de Covadonga
dos muros immortaes de Saragoça!

. . . . . .

Confundem-se as edades e as distancias
nas mal distinctas brumas do horisonte.
O mar! mar que se agita em crebras ancias!..
Aventureira náo de pandas vélas

domina esse infinito vago, incerto,
profundo, transparente, e de alterosa
vaga, arfando, co'a prôa nas estrellas,
e perpassa no liquido deserto
sobre esteiras d'escuma luminosa.
D'onde virá?—D'um povo e d'uma historia
que não temem rivaes; chama-se: gloria!
—Onde vae?—Demandar mundos ignotos.
Soberba, entre rajadas e procellas
transporta luz e amor e Deus! não teme;
leva na prôa a fé, a esp'rança ao leme,
e immortaes semi-deuses por pilotos.
—Quem são?—É noite escura no convez,
mas descobrem-se á luz de cada raio,
da eminencia onde estão Cid e Pelayo,
os vultos de Colombo e de Cortez!

. . . . . .

Nas memorias que o vento me trazia
em notas de longinqua serenata
mostrava-me, febril, a fantasia,
de pedra bruta e marmore e ouro e prata
informe construcção: monstro e prodigio:
paço, templo, museu, forte, clausura;
o portico romano; do poente,
de torre goda homerico vestigio;
ibera choça ao norte, sobria, escura;

balcões, banhos e ogivas, do nascente;
pendentes dos cunhaes bronzeas cadeias;
cobrindo esta miseria e este fastigio,
zimborios, minaretes, colmo e ameias!

Era a formosa Cordova? Seria!
e esse listão de prata que a beijava,
e esse jardim real que a permufava,
era o Guadalquivir e a Andaluzia.

Dos salões orientaes vinham, a flux,
os perfumes de Smyrna e de Palmyra,
risos, suspiros timidos e luz;
e não se ouviam passos; quem ouvira
no alcaçar mauritano algum furtivo
pequeno pé mimoso, brando, esquivo,
das mulheres do harem — eden do amor
ou dos amantes seus e seus tyrannos,
se das lãs do Tibet, em Cachemira,
bordaram as tufadas alcatifas?
Mas a branda canção do trovador,
mouros, iberos, godos e romanos
ouviam das ventanas dos Califas.

Da guitarra sonora ao som plangente
cantava o menestrel, ebrio de amor,
e os ecos repetiam brandamente:

— Andorinhas saudosas,
na primavera
vem, todas pressurosas,
pousar alli!
alli, n'essa janella,
onde eu quizera
vêr hoje a minha estrella,
que inda não vi!

Ide-vos, africanas,
dizer ao mouro:
— O alcaçar das sultanas
é triste e só! —
Dizei-lhe como eu chamo,
e as cordas d'ouro
se dizem quanto eu amo;
e ela sem dó!..

Quando a vejo nasce o dia!
e ao seu olhar e ao seu rir,
inflora-se Andaluzia
e canta o Guadalquivir! —

Passava a lua cheia em céo azul,
e respondia ao canto namorado,
em canto suspiroso e demorado,
um arabe, no serro de Padul:

—Pobres de nós! quanta sanha
ergueu a fé contra a fé!..
E os alcaçares de pé!
e sempre brazões da Hespanha!—
. . . . . .

Soára ao pé de mim risada estranha,
secca, nervosa, cynica, estridente!
riso que fica n'alma e se repete
nas insomnias do espirito doente,
como o rir da loucura... ou da miseria!

. . . . . .

Antes do Mephistopheles de Goethe
rira-se o Mephistopheles da Iberia!

Era o genio que ria immerso em dôres
e as palpebras de pranto estavam cheias!..
Como a geada cresta e murcha as flores
este riso matára as epopeias!

Bem vês o turbilhão em que estas scenas,
a minha caprichosa fantasia
lançava, como em funebre registro,
no espirito cançado e merencorio.
Ao pé de tanto brilho eu era apenas
o convidado pallido e sinistro
nos festins delirantes de Tenorio.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

IV

Quando eu entrei no mar e a nave, inda ancorada
arfava, somnolenta, á espera da alvorada,
que emfim, do céo de Lacio, as rosas de Stambul
lançava a plenas mãos, ás virações do sul,
e joias d'Ispahan e arabicos perfumes,
e chuva d'ouro e prata, entre indecisos lumes,
olhei a terra! e alli voou meu coração!..
A terra!.. o ninho. . o abrigo!.. e o mar, a solidão!
o temporal infrene! a voz que se não cala! .
A terra! o affecto!.. um pae que nos abraça e falla

de quando, pequenino, iamos perguntar
segredos da procella e elle mostrava o mar;
e que nos diz:—Vê bem! se vaes, n'esta orfandade
de duas mortes morro: os annos e a saudade!
e tu, que és meu abrigo, has de partir... Oh! vae,
mas leva, mundo além, as bençãos de teu pae.—

. . . . . .

E ecos de tanta voz, senhora, que eu ouvia
chamarem-me ao remanso, á placida poesia,
á patria, ao bem-querer, ás galas do meu céo,
ás festas do talento, a tudo que foi meu!..
E o mar... e eu sobre o mar... e a prancha inda lançada
de bordo ao caes, á terra! á terra tão amada...
— É tempo ainda — pensei. Volvi á praia! Então...
A terra era o dever e o mar a tentação!
Venceu! .. . .
. . . . . .
. . . . . .

V

Momentos depois, já dia,
sobre o empavesado esquife,
dobrava o castello d'If
o ousado pendão inglez;
d'além, dos Alpes nevosos,
vinha do nordeste a brisa
trazer-me aromas de Niza
ao silencioso convez.

Debruçado na amurada,
talvez por disfarçar magoas,
sorria ás inquietas agoas,
e disse ao mar:—Salvè, mar!
tu, sim, que és grande e soberbo;
tu, sim, que és triste e selvagem,
e ora espelho, ora voragem,
sabes sorrir e matar.

Sorrir, não como as mentidas
caricias da humanidade,
sorrir como a divindade
e como a face dos céos;

matar sem prazer nem odio,
mas fatal como o destino!
sempre cantando o teu hymno
ás liberdades e a Deus.

Ó mar, porque hão de temer-te
os cançados da batalha?
d'espuma ou seda, a mortalha
tem sempre alvissima côr;
e a sepultura dos tristes
que esmagára o cataclysmo,
seja campa ou seja abysmo,
é sempre um asylo á dôr.

E os aureos sonhos que eu sonho!
e a febre que me devora
d'entrar no paiz da aurora,
no foco da immensa luz!
Seguir Camões e Bocage,
dois astros da luza historia,
e ir contemplar-lhes a gloria
abraçando a sua cruz!

Viver onde elles viveram
em glorioso desterro,
ir scismar no mesmo serro
onde ergueram seus padrões,

espraiar a vista ao largo
e achar os profundos traços
dos firmes, heroicos passos
dos nossos grandes varões.

Fallar ás sonoras vagas
dos galeões d'outras eras,
e d'essas frontes austeras
dos nobres do meu paiz!
Vós conheceis-me a linguagem,
argenteas ondas, é certo!—
Ria o ceruleo deserto
e eu vinha feliz! feliz,

como um soldado de Diu,
um marinheiro do Gama,
um bravo a quem cinge a fama
aureola que não se esvae!
Dentro do meu peito inquieto
sentia um tão grande alarme
como se fossem armar-me
cavalleiro no Sinai.

.....
.....

VI

Passando no deserto,
e apoz, no mar vermelho, eu perguntava:
—Onde está Memphis? Tyro ha de ser perto...
Babylonia era além, e além campeava
a soberba Palmyra. —
Um tenente inglez que tudo ouvira:
—Morreram, disse, é certo,
mas esperae um pouco e eu vos prometto
que as heis de vêr a todas reunidas.
— Como? vós dareis vida ao esqueleto
das gigantes ruinas, escondidas,
ha tanto, sob a terra?
— Oh! se m'o permittis, darei por mim
uma assombrosa fada: a Inglaterra. —

Passado o mar d'Oman,
ao despontar limpida manhã,
mostrou-me, no horisonte, Bombaim.

VII

Dias depois, n'uma planicie immensa,
junto á bahia, em frente de Elephanta,
vi uma estranha multidão, suspensa
dos acordes de musica europeia.
— Que vos parece? disse o inglez.
— Que espanta.
— Oh! sim, deve espantar-vos, faço ideia,
o brilho estonteador d'este espectaculo,
de que não ha segundo,
que é Bombaim o *rendez-vous* do mundo.

(N'isto corou... d'orgulho, ou... emfim, talvez
d'este descuido de fallar francez).

— Aqui vêdes, tornou, armenios, persas,
europeus, yankees, o china, o mouro,
o esraelita, as raças mais diversas,
e os typos mais distinctos e selectos,
desde a lanuda absynia, d'olhos pretos,
até á ingleza, de cabellos d'ouro.

As grandes, vetustissimas cidades,
por que inda choram tanto o Nilo e o Euphrates,

resurgiram aqui, ao pé dos Gattes,
na moderna Babel. Todos os ritos
aqui têem o seu templo; as linguas todas,
interpretes; os mais bizarros trajos
encontrareis por'hi a frouxo e a flux
ostentando-se em meio dos andrajos
de *jogues* vis e párias semi nus.

Cosmopolis é aqui; aqui o mundo
incognito se encontra, aqui se entende;
folga, estuda, trafica, lida e ama,
inventa, lucta, pede, instiga, emprehende,
offerece e pregôa.

Attentae n'este vasto cosmorama
e achaes tudo quanto o mundo abrange!..

Que dizeis?
—Que a minha alma se confrange,
e anceio vêr a minha nobre Gôa.
—Gôa... já não existe. . ou existe aqui.
—Com quê, vós tendes a attracção do abysmo?!
lhe disse eu, e sorri:
Meu bravo inglez, olhae bem para mim
e dizei-me, sem falso patriotismo:
quando tereis perdido Bombaim?
—Sois um louco, um poeta, a Inglaterra,
como a tromba-marinha, absorve e assola;

e ás vezes nada póde a mór cautela.
Conheceis o tufão?
—Creio-o frequente na indiana terra,
que em tudo, o bom e o mau, é grande e é rica,
e hei de vêl-o... o que pouco me consola;
mas, voltemos áquella
sagaz comparação, que tanto explica:
D'essa tromba-marinha que vos fica
apoz a inundação?

. . . . . .
. . . . . .

Gôa, maio de 1870.

INDICE

	Pág.
A Indiana	5
Á Memoria do Francisco Luiz Gomes	65
Canções da India	69
Violante	81
O Sino d'Ouro	87
Dippu	93
A Velha Gôa	105
Carteira de Viagem	109